

RODRIGO BERNARDES BRAGA

**FUNDAMENTOS
DA REGULAÇÃO:**

Uma Análise Jurídica e Econômica

EDITORA ● SINGULAR

São Paulo
2021

Introdução

Os *coucous* constituíam meios de transporte muito comuns nos arredores de Paris em 1820. Descritos no belíssimo romance de Balzac (*A Comédia Humana*, Edição da Livraria do Globo, 1947), formaram parte dos principais ativos dos Touchard que haviam conquistado o monopólio de transportes situado à rua do Faubourg Saint-Denis para cidades mais populosas, num raio de quinze léguas. Para pontos localizados a sete ou oito léguas, porém, os Touchard encontravam concorrentes terríveis.

“Nessa época, o êxito dos Touchard estimulou os especuladores. Para as menores localidades dos arredores de Paris, formavam-se, então, empresas de veículos, bonitos, rápidos e cômodos, que saíam de Paris e regressavam a horas fixas, e que, em todos os pontos, e num raio de dez léguas, constituíram uma concorrência encarniçada. Vencido nas viagens de quatro a seis léguas, o *coucou* se limitou às pequenas distâncias e viveu ainda durante alguns anos. Sucumbiu, finalmente, quando os ônibus demonstraram a possibilidade de caber dezoito pessoas num veículo puxado por dois cavalos. Hoje, o *coucou*, se por acaso um desses velhos pássaros de voo tão penoso ainda existe nas oficinas de algum desmanchador de carruagens, seria, por sua estrutura e por suas disposições, objeto de sábias pesquisas, como as que efetuou Cuvier nos animais encontrados nos gessais de Montmartre.”

Essa passagem emblemática do romance de Balzac diz muito. Em um primeiro plano, diz a respeito da inovação e da contestabilidade de mercados monopolizados; em segundo plano, mas não menos importante, diz que a concorrência, quando se assanha, é suportada por usuários e pela comunidade que pressiona o mercado. Os que desafiavam o monopólio dos Touchard eram aqueles que gozavam da simpatia dos habitantes do lugar. O concorrente era, a um só tempo, proprietário do carro e taberneiro do local, conhecedor das necessidades dos grupos cujos interesses agora deveria atender. Não cobrava tanto pelos pequenos serviços e sabia iludir a exigência de uma licença.

A narrativa dos fatos surpreende pelo seu elemento atemporal. Assim como o monopolista pode abusar de sua posição, a concorrência pode mobilizar o regulador para “furar” o bloqueio e se estabelecer no mercado sem grandes dificuldades, favorecido pela pressão competitiva. Neste momento,

é fundamental que o regulador entenda que não pode escolher vencedores. Precisa zelar pelo interesse público.

O livro explora os fundamentos da regulação, as principais teorias que foram construídas para justificar a intervenção do Estado na economia e a maneira com a qual o Estado lida com os agentes privados para exigir-lhes um comportamento adequado ao interesse público, aqui compreendido como o interesse que maximiza o bem-estar social.

Tomando como ponto de partida a inviabilidade do modelo de concorrência perfeita, o livro procura situar o papel do Estado não apenas para corrigir “falhas de mercado”, mas para estimular a concorrência em segmentos da cadeia produtiva e zelar pelos interesses dos mais vulneráveis (regulação social). Com respeito a esta última atribuição, pode ser que a concorrência não seja penetrável em ambiente no qual o Estado exige, por intermédio de políticas públicas, a realização de outros valores sociais prioritários, como a universalização de serviços públicos e a efetivação de instrumentos estranhos ao livre mercado, como subsídios cruzados e tarifas sociais. Não se desconhece ainda a possibilidade de o Estado assumir diretamente o encargo de atividades geradoras de grandes externalidades sociais, como a educação e a saúde públicas.

De todo modo, a regulação de serviços públicos e atividades econômicas prestadas pelos agentes privados está fundamentalmente assentada no modelo de agências independentes, estudadas com desvelo pelas implicações em setores econômicos importantes, como os de infraestrutura, responsáveis pelo crescimento econômico num país caracterizado por *déficits* consideráveis nessa área.

Investimentos em infraestrutura garantem a continuidade do progresso, da produtividade, da igualdade e até mesmo contribuem para a redução da pobreza.

Dentro dessa lógica o livro trabalha com a noção de indústrias de redes, sejam físicas ou virtuais, suas características, importância, gargalos e efeitos.

A inovação de serviços e a nova economia baseada na informação também foram examinadas à luz do impacto que promovem na regulação. As plataformas digitais foram analisadas não só pelo ângulo de sua estratégia competitiva, mas também pelos problemas regulatórios e concorrenciais que atormentam as autoridades públicas.

O livro procurou conciliar as principais teorias econômicas com as evidências empíricas trazendo estudos de casos a fim de enriquecer os debates, quase sempre encaixados nas molduras de decisões judiciais e administrativas.

É com grande satisfação que ofereço ao leitor um livro que mergulha nos fundamentos da regulação econômica e social através de uma abordagem multidisciplinar que tem caracterizado os meus trabalhos até aqui.

Belo Horizonte, Carnaval de 2021.

R.B.B.